

LER É A ÚNICA CURA QUE TENHO PARA TUDO. PARA A DEPRESSÃO, PARA A DOENÇA, PARA A ANGÚSTIA.

ENTREVISTA DE CARLOS VAZ MARQUES
FOTOGRAFIA DE PEDRO LOUREIRO

Já está sentado à mesa quando chego, à hora marcada. Escolheu o Gambrinus, restaurante lisboeta onde é tratado como alguém da casa. Não precisa sequer de pedir. É o costume. Imagino-o durante tardes inteiras neste canto, em conversas com amigos de longa data. Imagino-o destilando a célebre acidez de quem já escreveu a respeito de si próprio ter descoberto um dia, precisamente num almoço desses, que os próprios amigos o consideram um «terrorista» intelectual». Vasco Pulido Valente não poupa alguns dos nomes consagrados da cultura portuguesa mas, faça-se-lhe essa justiça, também não se poupa a si próprio. Durante quatro horas falaremos de livros e de leituras. Afinal, aquilo que o mantém vivo num mundo, assume-o, de que já deixou de gostar.

O que é que faz com mais frequência: ler ou reler?

Nunca fiz as contas mas posso dizer-lhe que releio muito. Mais do que anteriormente. Vem um livro novo sobre um assunto qualquer e eu tendo a ler depois os livros que, naquele domínio, são para mim uma referência.

É então um leitor metódico.

Metódico? Não percebo bem em que sentido.

No sentido de ir à procura de tudo o que se relacione com algo que lhe interessa num determinado momento.

Não. Não sou um leitor metódico. Excepto no sentido em que tenho cinco ou seis interesses em que estou, normalmente, a par dos grandes livros que se publicaram nessas áreas. Quando sai

algo de novo, releio as coisas que já tenho em casa a esse respeito ou, se o livro traz sugestões novas, vou atrás delas.

É a isso que me parece poder chamar-se «um leitor metódico»: alguém que pega num tema e o desfia lendo e relendo tudo o que encontra a esse respeito.

Eu desfio. Tendo a desfilar e a reler. Para isso é que tenho os livros em casa. Senão deitava-os fora.

Mesmo assim, imagino que terá de deitar fora muitos livros, de vez em quando.

Deito. Não é bem deitar fora: dou. Mas isso são livros que estão completamente fora das minhas preocupações. Livros sobre assuntos acerca dos quais nunca serei capaz de me educar.



José Saramago é uma derivação da literatura da América Latina. É uma prosa admissível nas Caraíbas ou num português que tivesse vivido a vida inteira nas Caraíbas. Mas assim não faz sentido nenhum. O Lobo Antunes é um escritor. Não me interessa nada, mas

Portanto são livros perdidos, comigo. É melhor dá-los a outras pessoas.

Que temas são esses cinco ou seis em que está permanentemente informado sobre aquilo que se publica?

Têm aumentado, com a idade. Além da História portuguesa desde o século XVIII – que agora estou a estender um bocado para o século XVII –, leio o máximo que posso sobre o nazismo.

Disse há pouco tempo, aliás, que gostava de fazer um dia um ensaio histórico sobre Hitler.

Procuro toda a informação possível e faço buscas. Consegui até encontrar livros sobre o Hitler que foram publicados enquanto ele era vivo. Livros hoje raríssimos e que para mim são uma despesa. Aliás, deixe-me fazer um aparte: o Estado não me deixa descontar isso.

Já deve ter cartão de cliente fiel da Amazon.

Não tenho porque não sou do género de ter cartões.

Também acho que não há tal coisa. É na Amazon que faz essas pesquisas?

É. Há outra de cujo nome já não me lembro e que tem um anúncio extraordinário no *New York Review of Books*. Diz: «*O Príncipe*, de Descartes.» Depois, em baixo, esclarece: «Este livro não existe mas se quiser um livro que exista a gente encontra-o.» Não sei se serei um leitor metódico mas cada livro que leio traz-me sugestões para ler outros.

Entre os assuntos permanentes pelos quais se interessa ainda continuam a estar os evangelhos?

Não são bem os evangelhos. São as origens do cristianismo. É evidente que isso implica um conhecimento dos evangelhos, senão não era um interesse sério. Leio muito a Bíblia. Tanto o Velho como o Novo Testamento. Tento ler os livros clássicos e o que se vai acrescentando de novo. Essa área das origens do cristianismo implica um certo conhecimento de História, da doutrina e teologia cristãs e um certo conhecimento do Império Romano. Essa é outra das minhas áreas de interesse: o Império Romano. Em relação a estes interesses não vou estabelecer uma ordem hierárquica – excepto no que é a minha profissão, a História portuguesa – mas interesse-me também muito pelo nazismo e pela Segunda Guerra Mundial – o que não é a mesma coisa – e pelo fascismo, como um apêndice disso. Outra área ainda é a Revolução Francesa. Leio muito e procuro estar a par do que vai saindo a esse respeito. Ao mesmo tempo que procuro descobrir os livros que foram os grandes clássicos da interpretação da Revolução Francesa. Para lhe dar dois exemplos: o Michelet e o Aulard, que foi o grande historiador republicano da revolução. Andava há anos e anos a tentar descobrir o livro dele. Consegui-o e fiquei muito satisfeito.

É só a História que lhe interessa?

Não. De maneira nenhuma. Interessa-me também a literatura. É evidente que a grande literatura do fim do Império Roma-

no é o Santo Agostinho, não são romances. Mas leio muitos romances.

Continua a ser um leitor compulsivo de policiais?

Não. De há 15 anos para cá, com raras excepções, já leio muito poucos policiais. E as excepções não têm a ver com a qualidade do livro, mas com o meu estado de espírito. Leio romances policiais sobretudo quando estou muito deprimido.

No período em que foi uma espécie de consultor informal da editora Maria da Piedade Ferreira, sugerindo os livros que valia a pena publicar e os que não eram suficientemente bons para a colecção de policiais da Gótica, estava numa dessas fases depressivas?

Naquela altura não estava tanto. Ainda estava na transição de ser capaz de ler aquilo – e até de me divertir – para a minha situação de agora. Agora só leio romances policiais quando estou muito, muito, muito deprimido.

Há alguma razão para isso?

É assim uma espécie de narcótico. É como ver televisão. Séries de televisão, por exemplo. Aquilo não me interessa. Faço um esforço por reproduzir o meu antigo... [*Longa pausa.*]

Entusiasmo?

Não é bem entusiasmo. Antigamente, os romances policiais tinham a virtude de me permitir passar duas ou três horas sem pensar em mim. Hoje, aquilo começa a incomodar-me ao fim de umas páginas. Sei logo, mais ou menos, como é que vai continuar e já não me interessa. Tal como as séries de televisão me começam a incomodar ao fim de uns minutos.

Aborrece-se?

Aborreço-me. Aquilo é mecânico e não tem valor literário. No sentido em que não vamos descobrir ali nada de extraordinário sobre nós ou sobre os outros. Fora isso, eu sempre li literatura.

Mais ficção do que poesia?

Sim, em tempo de leitura. Não se lê tanta poesia como prosa. Mas não é menos importante. Ultimamente tenho feito uma revisão da matéria.

Na poesia?

Na literatura em geral. Voltei a ler os livros que já tinha lido e de que gostava muito. Uns com desilusão, outros sem desilusão.

O que é que prevaleceu?

Se quer que lhe seja sincero, prevaleceu a desilusão.

A maioria dos livros que o marcaram acabou por não estar agora à altura daquilo que tinha sido a importância que tiveram para si quando os leu pela primeira vez?

Eu não gosto da expressão «que me marcaram». Foram livros que me deslumbraram e que já não me deslumbram agora. Alguns ainda continuam a deslumbrar-me.

Dê-me um exemplo de um desses?

Ah, isso há muitos. Certos livros do Balzac.

Agora acaba de sair uma nova edição de *As Ilusões Perdidas*.

é um escritor. Ele publica constantemente. Se tivesse escrito quatro ou cinco livros talvez tivesse sido um grande escritor. Aquilo acaba é por ser uma pasta. É como a Agustina. É uma literatura que acabrunha, sem caminho. Sem... sem... sem... Eu ia dizer a coisa mais horrível: sem forma.

As Ilusões Perdidas, por exemplo. *As Grandezas e Misérias das Cortesãs*. Os livros que eu lia na minha adolescência – o Mauriac, o Bernanos...

Os católicos franceses?

Católicos e não católicos. Também o Giraudoux, o Sartre... desiludiram-me. Não me pareceram suficientemente sólidos.

O que é que mudou mais: foram os livros ou foi o Vasco?

É difícil dizer. Os livros não mudaram, evidentemente. Portanto, afinal não é difícil dizer.

Por vezes, os livros também mudam com a circunstância histórica: certos livros que têm uma grande importância num certo momento acabam por se transformar noutra coisa mais tarde.

Ah, sim. E já agora, para não ficarmos nesta coisa dos católicos e do catolicismo: o Malraux, o Saint-Exupéry. Na minha adolescência as pessoas eram educadas na literatura francesa. Li praticamente toda a literatura francesa que se publicava naquela altura.

O seu primeiro desejo de horizonte intelectual foi o de ir para Paris.

Não foi.

Há um texto seu, já antigo, em que refere o desejo adolescente de ir para Paris. [«Comuniquei a Régio a minha intenção de emigrar para Paris. Os artistas à época emigravam todos para Paris», in «O Medo», texto incluído no livro *Às Avestas, Assírio e Alvim*, pág. 64.]

De ir a Paris. Não para Paris. Mesmo os americanos, que eu naquela altura li com grande entusiasmo, também hoje me parecem frágeis: o Hemingway, o Steinbeck, o Caldwell. Eram as coisas que se liam naquele tempo. Mas, por exemplo, o Scott Fitzgerald, hoje em dia ainda não me parece frágil. Reli há pouco tempo alguns livros dele e não me parece nada frágil. Não sei até que ponto é que isto depende de mim. Depende, com certeza. Tenho relido muitos livros de memórias – se calhar isto é uma tendência da época. Gosto cada vez mais de memórias.

Apesar de já ter dito e repetido que não tem intenção de escrever as suas próprias memórias.

Não tenho, agora. Não sei se terei depois.

Quer dizer que afinal põe a hipótese de daqui a uns tempos escrever um livro de memórias?

Não é pôr a hipótese. Se eu tiver uma vida sossegada e isolada... Embora já tenha uma vida bastante isolada hoje – tanto quanto posso, porque tenho de ganhar a vida. Se eu tivesse uma vida sem grandes contactos com o exterior, talvez fosse capaz de escrever umas memórias. Mas só nessas circunstâncias.

Então as suas sucessivas afirmações de que não escreveria memórias não são uma relutância de princípio.

Não, não tenho uma relutância de princípio.

Pareceu-me em declarações suas anteriores que era uma questão de princípio que teria a ver com o facto de não encontrar na sua vivência pessoal acção suficiente para escrever umas memórias interessantes.

E não há. Mas as memórias podem reproduzir um mundo. Há duas objecções que eu tenho contra as memórias. Uma é o *name-dropping*: «Eu conheci o “A”, conheci o “B”...» São episódios altamente desinteressantes. Não faria nunca umas memórias dessas. Também não faria umas memórias de inconfidência: «O “A” disse-me isto.» «Aconteceu-me aquilo com a “B”...» Acho que memórias dessas não têm grande interesse.

Mesmo que «A» e «B» sejam figuras públicas cruciais de uma determinada época?

Sobretudo se forem figuras públicas. Acho que as grandes memórias podem envolver figuras públicas, episódios com figuras públicas e até episódios com alguma relevância histórica. No meu caso, esses episódios seriam poucos.

Julguei que teria bastantes, da sua passagem pela política.

Não, não tenho. De relevância histórica não tenho. As memórias podem envolver episódios mas o que umas boas memórias são é a recriação de um mundo. As pessoas só se podem explicar dentro do mundo em que nasceram, foram educadas, cresceram e agiram. Para isso, além de talento, que eu não sei se tenho, é preciso uma grande concentração no essencial. Ou seja, as pessoas perceberem que, para quem lê, para lá da intriga e da inconfidência, o fim nobre das memórias é a recriação de um mundo.

Se for só inconfidência é bisbilhote.

Mesmo que não seja bisbilhote é uma forma inferior de recriação do mundo. Não é como quem publica as cartas da tia: «A tia era assim e dizia-me isto e naquela época os valores eram diferentes.» As grandes memórias não são assim. Como calcula, o Trotski não andou a contar trivialidades para mostrar que o mundo em que nasceu era diferente do mundo em que morreu.

Mas nesse caso, a vida dele também não foi nada trivial.

A vida dele não foi nada trivial, é verdade. Mas há pessoas que tiveram vidas triviais e escreveram romances extraordinários. O que se trata é sempre da recriação de um mundo. É uma ideia muito próxima da do romance e portanto muito difícil de fazer. O romance é, de tudo, o que há de mais difícil de fazer.

Alguma vez teve a tentação do romance?

Tive a tentação mas descobri rapidamente que não tinha os meios.

Glória corresponde a essa tentação de escrever um romance?

Não. *Glória* é uma tentativa de perceber uma cultura como ela se entendia a si própria; com os seus valores, conflitos e preconceitos. Ou seja, com o mínimo de intervenção do autor. Nisso, o historiador fica dois passos atrás para deixar o leitor ver como é que aquela gente vivia, pensava, agia.

Perguntei-lhe se não haveria também nesse seu livro uma tentação de romance porque há nele uma exuberância narrativa que não estamos habituados a encontrar no ensaio histórico.

A bibliografia passiva do Eça de Queirós é infinita. Com certeza que encontrará dois livros, três artigos sobre o que quer que seja. Mas não está estabelecido na interpretação ortodoxa do Eça que ele, a meio da vida, escreveu dois romances religiosos que



Não acho. Eu nunca faço psicologia, naquilo. Estou sempre do lado de fora. Limito-me a contar uma história. É uma história melodramática, evidentemente.

É nesse sentido que eu digo que o livro participa do género romanesco. Participa do romanesco por duas razões. Em primeiro lugar porque é o que revela melhor aquela espécie de cultura. Depois, porque aquele episódio e aquela personagem geraram documentação que é muito raro encontrar; que não se encontra numa vida banal. Ninguém se interessa pelo Sr. Silva, que podia ter aquelas ideias todas e participar naqueles horrores... E participava. Mas não matou a mulher.

Por isso é que, para muitos leitores, é capaz de ser um livro que se lê com um interesse mais literário do que histórico.

Eu não sei com que interesse é que as pessoas leram. A minha intenção foi reconstituir a cultura sub-romântica que dominava Portugal naquela altura. Pareceu-me um bom ponto de partida para a descrição e explicação dessa cultura, sem ter de intervir didacticamente, dizendo: «A é assim e depois “B” e depois “C” e depois “D”...». Pela acção, pelo que eles diziam, quis mostrar em vez de explicar. Uma das coisas más da História, hoje em dia, é que as pessoas têm muito mais tendência para categorizar

e explicar e analisar do que para narrar. Para mim, a História é fundamentalmente uma narrativa. Todos os meus livros, todos os meus ensaios históricos são narrativas. Acho a narrativa muito mais reveladora do que a categorização ou a explicação.

Foi essa falta de características didácticas que me fez ler *Glória* mais como um romance do que como um livro de História.

Toda a História que eu escrevi – excepto um livro que foi, de certa maneira, uma imposição académica – é narrativa. A História, para mim, é um género literário. Mais do que uma ciência. Claro que tem uma disciplina. Nisso, difere da literatura.

Tem de ter factos por detrás.

Tem de ser verificável. Mas está mais próxima de uma narrativa literária do que de uma ciência.

Quando diz que o romance é o mais difícil de tudo, quer dizer que o coloca num plano superior ao da narrativa histórica?

Com certeza. Da História ou da narrativa histórica ao género literário romance vai um passo enorme: é o passo de imaginar como sucederam as coisas.

A criação de um mundo.

Um outro mundo. Mas não é só isso. Há uma coisa que a Irène Némirovsky diz. A Irène Némirovsky é uma judia que o Hitler

indicam que teve um grave problema religioso. *O Mandarim* e *A Relíquia* são, em última análise, uma declaração de ateísmo. Se for a qualquer biografia ou ensaio sobre o Eça nunca encontra isso. Deve ter sido o português mais inteligente destes últimos 200 anos. Ou mais.



assassinou e que quando os nazis invadiram a França começou a escrever um romance [A Suite Francesa, ed. *Dom Quixote*] sobre a invasão. Ela queria escrever um grande painel sobre aquela catástrofe e não chegou a acabar o livro, que viria a ser publicado como um romance inacabado. Foi apanhada, em 1942, com os bons ofícios dos franceses que tinham registado todos os judeus. Com esse recenseamento, foi apanhada e assassinada em Auschwitz, sem nunca ter sequer corrigido o que tinha escrito. Mas tinha, então, um caderninho em que ia deixando umas reflexões sobre o romance histórico. Nele, faz uma observação sobre o *Guerra e Paz* que, para mim, é decisiva: o poder do romance do Tolstói é a primeira parte de uma trilogia que ele não iria acabar. O Tolstói queria escrever um romance sobre os dezembristas e o *Guerra e Paz*, que acaba em mil oitocentos e picos, 1812 se não me engano, devia ir até 1820. Todas aquelas personagens teriam um sentido diferente. O poder daquilo vem do facto de, apesar de não ter sido escrito, ter um futuro e ter um passado.

O facto de esse passado e esse futuro não serem explícitos altera a forma como ele é lido?

Alterou o poder do romance. Aquele romance era para vir de trás, para ter aquele corpo central e para continuar até 1820. O poder

daquilo vem de ser uma parte do tempo. Uma parte indeterminada. Os romances que começam no dia 1 e acabam no dia 30 são fracós. Idealmente, uma pessoa devia escrever um romance como o *Guerra e Paz*: que nunca verdadeiramente começasse e nunca verdadeiramente acabasse. Que deixasse tudo em suspenso.

O *Guerra e Paz* é uma das obras do seu cânone?

Eu hesito tanto no meu cânone! Se estabelecer um cânone, tenho tantos, tantos livros para pôr nele...

Há algum romance português nesse seu hipotético cânone?

Há, com certeza. O Eça quase todo. Alguns romances do Camilo. O único romance do Eça de que eu nunca consegui gostar, porque nunca o consegui perceber, é *A Ilustre Casa de Ramires*. Todos os outros livros dele eu consigo percebê-los. Mesmo os que são semiapócrifos. Àquele não o consigo perceber.

O que é que lhe falta perceber?

Falta-me perceber tudo.

Não entende o propósito do romance?

O propósito, a construção, as personagens. Para mim, aquele romance, visto pelos olhos do Eça, não faz grande sentido.

Porque é que pôs de parte a ideia de fazer uma biografia de Eça de Queirós?

Uma pessoa com uma vozinha não se candidata a primeiro tenor. Vai para o coro. Não estou envergonhado da minha vozinha. É uma boa vozinha. O que me espanta na maioria das pessoas que escrevem romances em Portugal é que têm uma vozinha e julgam que podem

Por duas razões. Estou próximo do fim da vida e não me apetece remastigar Portugal.

Não é o que tem feito permanentemente?

Faço-o mas em pequenas doses. Não é aquela coisa de dizer: «Vamos lá ver o que é isto, outra vez!»

Este seu livro novo, *Portugal – Ensaios de História e de Política* não o é também, uma vez mais?

É, mas não foi escrito agora. É uma coisa como fez o Gore Vidal. Chegou a altura de dizer: «Olhem, isto são as coisas que eu acho que escrevi de relevante sobre Portugal.» Não é a mesma coisa.

Disse-me que havia duas razões para ter desistido da biografia do Eça de Queirós.

Uma, o não querer remastigar e depois porque acho que, tirando algumas coisas escritas pelo Eduardo Lourenço, tudo o que se escreveu sobre o Eça é tão disparatado e fora de propósito, que me intimidei com a tarefa de pôr as coisas no sítio.

Mas esse argumento pode servir também para dizer que se tudo o que se escreveu é tão fora de propósito há uma razão adicional para escrever alguma coisa, não para deixar de escrever.

Eu dou-lhe um exemplo. A bibliografia passiva do Eça de Queirós é infinita e, portanto, com certeza que encontrará dois livros, três artigos sobre o que quer que seja. Mas não está estabelecido na interpretação ortodoxa do Eça que ele, a meio da vida, escreveu dois romances religiosos que indicam que teve um grave problema religioso. *O Mandarin* e *A Relíquia* são, em última análise, uma declaração de ateísmo. Se for a qualquer biografia do Eça ou a qualquer ensaio sobre o Eça nunca encontra isso. Sobretudo na análise do pensamento dele, onde isso devia ir – e também nas biografias. Do meu ponto de vista, aquilo é o passo do Eça das várias visões religiosas que ele tinha antes – e da ética da consciência que usou até ali e que usa no princípio de *Os Maias*: as pessoas devem ser honradas porque são honradas – para uma posição de absoluto ateísmo. Daí não se perceber muito claramente, na versão ortodoxa sobre o Eça, porque é que ele acaba *A Relíquia* daquela maneira – de resto, muito parecida com o modo como acaba *O Mandarin*. Termina dizendo que a natureza humana é perversa e que as pessoas não se podem livrar da sua própria perversidade. No fundo, é essa a moral de *O Mandarin*.

Basta ao protagonista tocar uma campainha para matar o *Mandarin* e lhe extorquir as riquezas.

Basta. Mas mesmo quando ele se tenta desfazer das riquezas, as riquezas perseguem-no. Ele não consegue voltar a ser o homem simples que era. O que aquilo quer dizer, no fundo, é que ele não consegue livrar-se da sua própria perversidade. Não é das riquezas que não é capaz de se libertar. Aquilo não é um conto ligeiro, uma fábula. É um conto filosófico. Tal como *A Relíquia*

é a recusa da religião católica, inevitavelmente susceptível de acabar em coisas litúrgicas e devotas, que ele recusa. E que, aliás, como bem diz o Eduardo Lourenço, são substitutos do sexo. O Eduardo Lourenço refere isto para o Raposo mas é assim tanto para o Raposo, como para a Patrocínio e para toda aquela gente. Ele recusa essa religião, tal como recusa a divindade de Cristo. Tem um episódio terrível no sonho do Teodorico: quando se está a escolher entre o Cristo e o Barrabás, está um homem ao pé do Teodorico a gritar «Barrabás! Barrabás! Barrabás!» e o Teodorico pergunta: «Mas porque é que você está contra este homem?» Então, ele explica-lhe: «Eu vivo aqui perto de Jerusalém, tenho uma terra má, tenho cinco filhos (ou seis, já não me lembro bem), e só consigo sustentar aquela família fazendo uns modelos de pedra do templo e vendendo-os aqui; veio este gajo, o Cristo, partiu-me tudo e agora a minha família vai passar fome durante o Inverno.» O Teodorico mete a mão no bolso e dá-lhe todas as moedas que tem. Isto implica que Cristo não é onisciente e que o Teodorico é superior a ele, como homem. Dei-lhe um exemplo, apenas. O livro está cheio de episódios destes.

Pode-se dizer que está cheio de heresias?

Não. Está cheio de negações da divindade de Cristo.

O que para a época seriam pressupostos heréticos.

A herética é um desvio da fé. Ele não tem fé.

Isto vinha a propósito de ter desistido de escrever uma biografia do Eça de Queirós.

Achei que se tivesse menos 10 anos, se pudesse ler toda a interminável bibliografia dele, procurar os precedentes disto, valia a pena negar a ortodoxia interpretativa do Eça. Sem uma investigação bibliográfica que me levava cinco ou seis anos – ou mais... E isto não é o único ponto. Se ler a esta luz *O Mandarin* ou a *A Relíquia*, dois dos grandes livros dele, concordará que é difícil inverter as ideias comuns sobre isso. Já para não falar de *Os Maias*, que é um assunto ainda mais complicado.

O que é que mais lhe interessa no Eça de Queirós: a capacidade de criar um mundo próprio ou a capacidade de observação do mundo em que viveu?

É a mesma coisa. A capacidade de observar é capacidade de criar. Eu continuo a ler o Eça. Não há um ano em que não leia o Eça todo. **Todo?!**

Ou quase todo. Dou agora de barato que estamos a falar de um grande escritor. Como dizia o meu amigo João Bénard: «Um escritor inadjectivável.» Partindo desse princípio de que não se pode dizer que o Eça é um escritor de quem não se pode dizer que é bom, nem grande, inadjectivável, para o qual não há adjectivos apropriados, o que me faz ler o Eça todos os anos – e às vezes mais de uma vez por ano – é a extraordinária inteligência daquele homem. Deve ter sido o português mais inteligente destes últimos 200 anos. Ou mais. A prova é que está longe de ser

fazer os grandes papéis. Não podem cantar Verdi, nem Wagner. Não podem ser o Siegfried, nem o Tannhäuser. Não podem ser o duque de Mântua, nem o Rodrigo. Não podem ser a Turandot. Não podem cantar grande ópera. São do orfeão. Para escrever um romance uma vizinha não basta.

percebido. De cada vez que o leio percebo mais uma coisinha que me escapou na última leitura.

Isso acontece-lhe com mais algum autor português?

Não.

Nem com o Camilo?

Não. Camilo também leio muito. Devo ser, neste momento, dos portugueses que mais lêem Camilo. Leio muito a literatura portuguesa: o Eça e o Camilo e variadíssimos outros. E até a literatura dita contemporânea. Só que a literatura portuguesa contemporânea interessa-me muito pouco.

Interessa-lhe pouco e ainda assim lê-a?

Raramente chego ao fim. Deixo a meio.

Qual foi o último livro em que chegou ao fim?

O último livro que li até ao fim, de literatura portuguesa contemporânea? Para lhe ser sincero, este último livro do Miguel Sousa Tavares.

O Rio da Flores – por ter tido que escrever sobre ele?

Não. Porque se arranjou aquele sarilho absurdo. Eu acho que ele tem todo o direito de escrever aqueles livros.

Mas leu-o até ao fim por interesse ou porque tinha de escrever o texto que depois saiu no Público?

Da primeira vez li-o por curiosidade até ao fim. De resto, li os dois por curiosidade. Quanto aos escritores ditos consagrados não me interessam nada.

Está a referir-se a Saramago, por exemplo?

Interessa-me menos do que o Miguel Sousa Tavares. Porque o Miguel Sousa Tavares, ao menos, é genuíno. Tudo o que se possa dizer dele, eu disse. Mas é genuíno. O Saramago é uma derivação da literatura da América Latina. Mas ele não nasceu nas Caraíbas! É uma pena.

Considera-o um sucedâneo da literatura latino-americana em que sentido: pela componente de fantástico de alguns dos romances dele?

Se fosse pelo fantástico era o menos.

Ele tem romances muito distintos.

É pela prosa. Aquilo era uma prosa admissível nas Caraíbas. É admissível nas Caraíbas ou num português que tivesse vivido a vida inteira nas Caraíbas. Mas assim não faz sentido nenhum.

O facto de ele ter ganho o Prémio Nobel não tem para si importância?

Nenhuma. Leia a lista dos prémios Nobel.

Quando disse que os consagrados não lhe interessam nada estava a incluir no rol também o Lobo Antunes?

Se ele tivesse escrito só... Se calhar ele não pode expor-se assim. O Lobo Antunes é um escritor. Não me interessa nada, devo dizer, mas é um escritor. Estou a pensar num ou noutro livro dele. Ele publica constantemente. Se tivesse escrito quatro ou cinco livros talvez tivesse sido um grande escritor.

Mas os livros que considera menos bons estragam aqueles a que reconhece valor?

Não. Aquilo acaba é por ser uma pasta. É como a Agustina. É uma pasta. Se eu lhe perguntar quais são, para si, as grandes personagens do Lobo Antunes ou da Agustina, você não é capaz de me responder. Se eu lhe perguntar quais são as grandes revelações morais da Agustina ou do Lobo Antunes, você também não me diz.

Mas a literatura contemporânea...

[*Interrompendo.*] Ou as grandes revelações filosóficas. Basta dizer filosóficas. Ou morais. Ou estéticas. Ou éticas. O que é que eu devo à Agustina? Não lhe devo nada. Ou uma particular compreensão da sociedade em que nós vivemos? Também aí não lhe devo nada. Portanto, aquilo é uma literatura que, por assim dizer, acabrunha. Não leva a sítio nenhum. É uma literatura sem caminho. Sem... sem... sem... [*Hesitação demorada.*] Eu ia dizer a coisa mais horrível: sem forma.

O que é que entende por escrever bem?

Não posso dar-lhe uma definição.

Mas quando pergunta pela personagem...

[*Interrompendo.*] Perguntei pela personagem mas também não é essencial. Pode ser uma reflexão inquietante sobre moral, sobre estética, sobre ética. Também não há.

E o estilo?

Não há estilo, há pertinência. O estilo, para mim, é a pertinência. O estilo é um instrumento: é adequado ou não é adequado. Você não vai fazer uma operação ao cérebro com uma faca de cozinha. Mas já pode cortar um dedo com uma faca de cozinha. O estilo é um instrumento que o escritor muda. A voz é outra coisa. O estilo do Flaubert no *Salambô* não é o estilo do Flaubert no *Bouvard e Pécuchet*. O estilo do Eça, por exemplo n' *A Relíquia*, vai mudando. Ele vai usando instrumentos diferentes. O sonho do Teodorico não é escrito da mesma maneira do antes e do depois. Pode haver uma obra de tal maneira regular em que se possa usar o mesmo estilo. Mas o estilo é que faz a obra. Se você começar a escrever como o Hemingway faz sub-Hemingway. Se começar a fazer outra coisa qualquer – um Gabriel García Márquez – não faz nada de especial. Faz sub-García Márquez ou outra coisa qualquer que lhe passar pela cabeça. Ou sub-Milan Kundera ou *sub*-isto ou *sub*-aquilo. O estilo é um instrumento para o escritor fazer aquilo que quer: para fazer uma operação ao cérebro ou para cortar uma unha. A voz é uma coisa diferente.

Não reconhece uma voz própria na Agustina?

Ah, isso reconheço.

Ou no Lobo Antunes.

E reconheço uma voz própria no Lobo Antunes. Mas a voz não chega. Para lá da voz é preciso um domínio técnico que eles não têm.

Foi essa reflexão – de que a voz não chega – que o fez pôr de parte as suas ambições literárias?

Um dos meus grandes prazeres dos últimos anos foi ler *O Soldado Schweik*. Descobri agora a tradução inglesa, que é impecável. Talvez tenham sido dos meus dias mais felizes. Ri-me, ri-me, ri-me com aquilo. Quase não conseguia dormir. Para mim – isto vai soar *corny*,

Eu, modestamente, tenho uma voz. Só que é uma vozita. Uma vozita cheia de limites. Dá praticamente para eu chamar um táxi. Não dá para muito mais, percebe? Não chega ter uma voz. É preciso desenvolvê-la, expandi-la, diversificá-la, dobrá-la. Todos os grandes escritores fizeram isso.

Em que momento é que entendeu que os seus sonhos de adolescência, de vir a ser romancista...

Foram só sonhos de adolescência.

Em que momento é que os pôs de parte?

Quando descobri que tinha uma vozita de orfeão de liceu. Tendo só uma vozita não podia cantar ópera. Não podia aparecer ao mundo a dizer: «Eu agora vou cantar Verdi ou Wagner.» Desatava-se tudo a rir.

Não há nisso um excesso de autolimitação?

Não. É uma noção dos limites.

Num texto que escreveu nos anos 80 dizia que foi num jantar com o José Régio que pôs de parte as suas ambições literárias.

Isso era uma hipérbole. Achei o gajo horrível.

Mas antes de ter jantado com ele não o achava horrível.

Não. A gente tem paixões de adolescência. Não gostei do Régio como pessoa, naquela noite.

Por ter uma pose grandiloquente?

Não. O Régio era uma pessoa muito modesta. Esteve-me a explicar que não precisava de sair do País porque aqui encontrava tudo. Contou-me de um sapateiro de Portalegre que tinha sodomizado a filha. Portanto, dizia ele, todo o universo estava em Portalegre. Fiquei horrorizado com esta ideia. O Universo todo não está em Portalegre.

A ideia de que todo o universo cabe num grão de areia não o seduz.

Não. Assim se desiste de saber tudo o que há no mundo. Tudo o que – pelo menos na Europa – o Homem criou. O Masaccio não está em Portalegre. O Filippo Lippi não está em Portalegre. O Bronzino não está em Portalegre. O Dante não está em Portalegre. Tive a percepção imediata de que aquilo era uma redução absurda. O que não é de espantar no Portugal de Salazar. Era a isso que o Salazar nos queria reduzir.

O Régio era um produto do salazarismo?

Não era um produto, era uma vítima. Cuidado com as palavras. Todos aqueles homens da geração da *Presença*, como depois os neo-realistas, foram vítimas. Não perceberam que havia mais mundos no mundo. Não os deixaram.

Como é que intuiu isso? Porque na altura em que jantou com o Régio ainda não tinha vivido fora de Portugal, ainda não tinha tido experiências cosmopolitas.

Não, mas era muito novo. E não queria estar preso. Já tinha lido o suficiente para perceber que aquilo não era assim.

Disse-me, no entanto, que a ideia de ter percebido nesse jantar que não poderia ser romancista era uma hipérbole.

É uma hipérbole mas percebi rapidamente – muito novo – pelas constrições... Eu tive uma educação comunista. Depois, tive influências que vieram de fora. Sobretudo do meu avô Pulido Valente, que me dava livros para ler, que discutia comigo. Era um homem que não se tinha deixado prender. Aos setenta e tal anos estava a ler o Kafka.

Isso nos anos 60?

Anos 50, ainda. Ele morreu em 63. Portanto, tive coisas que me puxaram para fora. Mesmo o meu pai não era muito rígido, embora fosse um pouco tradicionalista em matéria literária. Pagava-me os livros, o que era uma coisa fundamental.

Mandava vir livros do estrangeiro?

Não. Dava-me dinheiro para eu ir à Buchholz. Ainda era ao pé do Condes. Li toda a literatura francesa que estava em voga na minha infância. Só comecei a conhecer bem a literatura inglesa quando fui para Oxford. Já conhecia umas coisas mas uma educação na literatura inglesa só a tive mais tarde.

Nunca ensaiou nenhuma tentativa de romance nesse período adolescente em que se via como candidato a escritor?

Não.

E poesia?

Ainda menos.

Não fez versos na adolescência?

Não. Tive sempre a ideia de que um dia haveria de escrever um romance. Até perceber que não o podia escrever.

Que não podia ou que não queria?

Não podia. É o que lhe estou a dizer: as pessoas que só têm uma vozinha não se candidatam a cantores de ópera.

Poder escrever, podia. Talvez não estivesse era à altura das suas próprias expectativas.

Uma pessoa com uma vozinha não se candidata a primeiro tenor. Vai para o coro. Tão simples como isso. Não julgue que eu estou envergonhado da minha vozinha. Não estou. É uma boa vozinha. O que me espanta na maioria das pessoas que escrevem romances em Portugal é que têm uma vozinha e julgam que podem fazer os grandes papéis. Não podem fazer os grandes papéis. Não podem cantar Verdi, nem Wagner. Não podem ser o Siegfried, nem o Tannhäuser. Não podem ser o duque de Mântua, nem o Rodrigo. Não podem ser a Turandot. Não podem cantar grande ópera. São do orfeão. Não chegam para aquilo.

Isso tem tudo a ver com as expectativas com que se escreve.

Não me venha com o adjectivo «expectável».

Não, quanto a isso pode ficar descansado.

É que só a tiro, percebe? As expectativas de cada um são as expectativas de cada um. Eu também posso ter a expectativa de tropeçar ali num magnata e ele dar-me 10 mil euros. São expectativas. O problema é que na realidade o mundo é o mundo.

sentimental, barato e não tem nada que ver com a minha vida pessoal – os momentos de leitura são as únicas ocasiões em que durante umas horas tenho o sentimento de viver num mundo de perfeição. Não é só de perfeição. De perfeição e de exaltação.

Aqui há tempos o Miguel Esteves Cardoso, a quem fiz a mesma pergunta, respondeu-me que a regra é a de que cada um escreve o que pode, não o que quer, e depois cabe a quem ler avaliar o que aquilo é?

Eu gosto imenso do Miguel mas ele está, aí, a elidir uma coisa fundamental. É que não é assim. As pessoas escrevem o que podem mas o valor daquilo que escrevem não depende da opinião das pessoas que compram os livros. Senão o maior romancista do mundo era aquele rapaz – como é que ele se chama? – que escreveu a filha de Cristo...

Dan Brown.

Sim. A sanção não é essa.

Mas só vale a pena escrever se aquilo que se escreve for uma obra-prima?

Só vale a pena escrever quando se tem a noção... Não é ser uma obra-prima mas quando é uma coisa bem feita. Conscientemente bem feita. Eu posso ser um bom artesão, um bom membro do

coro, uma personagem secundária mas se faço aquilo que faço com segurança e com a consciência de que estou a fazer uma coisa bem feita.

Então, isso quer dizer que com uma vozinha talvez também se possa escrever um romance bem feito, para usar a sua expressão.

Com a vozinha... Você está à volta do meu putativo romance. Um romance precisa de mais do que uma vozinha. Para escrever um romance uma vozinha não basta.

O seu novo livro começa com uma frase lapidar: «A mudança veio de fora.» É uma frase que se refere, no texto em causa, ao liberalismo – aplicá-la-ia também a respeito da literatura portuguesa?

Aplicava, com certeza.

Não encontra nada de original na literatura portuguesa?

Não. Encontro adaptações, com mais ou menos talento, e encontro uma pessoa que excedeu a adaptação, que foi o Eça. E em certos romances, o Camilo.

Nem vale a pena, então, perguntar-lhe por qualquer traço de originalidade em relação à literatura portuguesa contemporânea.

Eu gostei muito do primeiro romance da Clara Pinto Correia, o *Adeus, Princesa*. Mas depois aquilo não se desenvolveu. Ela está muito dispersa. Pela biologia, pela carreira universitária, etc. Suponho que foi por isso que aquilo não teve continuidade. Escrever é um *full time job*. Exige, mesmo para uma vozinha como eu, uma dedicação quase absoluta.

O Vasco tem essa obsessão muito presente?

A obsessão da escrita e a da leitura, tenho. É o que eu faço. Excepto no último ano em que fui umas horas à televisão. Apenas umas horas. E mesmo isso está a interferir um bocado. São uns circuitos diferentes.

Está a gostar dessa experiência televisiva?

Não lhe vou responder a isso.

Considera-se sobretudo um historiador ou um escritor?

Sou um historiador narrativo e, portanto, um escritor. Um escritor menor. Mesmo dentro da História.

No caso português, para além do Oliveira Martins, encontra mais algum escritor maior da História?

Não. Mas, apesar de tudo, não estamos sozinhos no mundo. Há mais mundo para lá da História portuguesa. Há o Tocqueville, há o Michelet, há o Taine. Há muita gente. Há o Gibbon, para começar. Há grandes historiadores que foram grandes escritores. Também aí, eu sou uma personagem menor.

Sente que passou ao lado de alguma coisa, que podia ter sido uma personagem maior?

Por amor de Deus, isso é uma pergunta extraordinária. Se eu fosse capado e rico é possível que tivesse escrito melhor História.

Capado, porquê?

Para não ter tido distrações com mulheres. Se eu fosse capado e rico ou se fosse um monge. Se calhar, sei lá...



Admirava profundamente José Cardoso Pires. Era uma pessoa de grande coragem e de grande integridade. Não era *il migliore fabbro* mas era um *fabbro*. Foi muito generoso comigo. Ensinou-me a ser um homenzinho, a ser responsável por aquilo que escrevia.

Pergunto-lhe isto por já o ter ouvido dizer mais do que uma vez que, escrevendo sobre História portuguesa e sendo Portugal um país periférico, não poderia ter escrito sobre coisas decisivas.

Isso é a outra face da moeda.

Era a essa face da moeda que me referia ao perguntar-lhe se sente que poderia ter ido mais longe se tivesse tido à sua disposição um tema mais relevante, em termos históricos.

Primeira coisa: para escrever História da Europa eu precisava de saber línguas que não me ensinaram. Os grandes historiadores da Europa sabem alemão, inglês, italiano... Eu leio italiano com um dicionário mas não é a mesma coisa. Muitos deles sabem russo ou polaco, sabem uma língua eslava. Sabem muito mais de economia do que eu sei. Tiveram um treino em economia que eu não tive. Por muito que as famílias compensassem o salazarismo, e os meus pais compensaram, não substituíam uma universidade decente.

O salazarismo fez estragos.

Na minha geração fez grandes estragos e não sei se não continua a fazer nesta. Um bom historiador, hoje, deve saber cinco ou seis línguas. Um historiador capaz de ir para além da História de Portugal, que é uma província da Europa. Precisa mesmo.

Normalmente é isso que acontece ou esses são os casos excepcionais?

Os grandes historiadores contemporâneos sabem essas línguas todas. Estão à vontade nessas línguas todas. Muitos deles também sabem grego. Fora terem uma preparação económica que eu não tenho. Eu posso fantasiar que se tivesse ficado em Inglaterra tinha aprendido isso tudo. O facto é que não aprendi.

E porque é que não ficou em Inglaterra?

Não fiquei e não aprendi. Portanto, as minhas possibilidades estão limitadas. Foram-me limitadas pela universidade portuguesa. Eu até tive a sorte de nascer numa família...

Well-off.

Well-off e intelectual. Que achava que eu devia falar francês e inglês e me pôs a falar inglês e francês até aos 20 anos. Mas devia ter-me posto a falar alemão e russo e não pôs. Devia-me ter ensinado economia e achou que era desnecessário. A minha família não é culpada disso. A minha família não fazia currículos de historiador.

Também não era evidente que quisesse vir a ser historiador.

Desde muito cedo foi o que quis.

Antes tinha querido ser romancista, primeiro, e cineasta, depois.

Sim. Mas isso foram coisas que duraram meses. Os meus pais é que não sabiam que ia sair dali um historiador. Nem tinham obrigação nenhuma de saber. Quando cheguei a Oxford é que percebi a extensão aterrorizante da minha ignorância.

Isso angustiou-o?

Não sei se me angustiou. Eu ia para casa, comprava os livros e lia, lia, lia. Ia estudar. A princípio aquilo foi um choque.

Houve algum momento em que lhe tenha passado pela cabeça desistir?

Não. Até porque não tinha outra saída. O que é que eu ia fazer? Dizer à Gulbenkian que estava mal preparado para aquilo? Nem pensar. Trabalhei como um cão. E não fiquei bem preparado.

Mesmo assim, é talvez uma das pessoas mais bem preparadas da sua geração.

O que não quer dizer muito. Eu tive uma formação muito deficiente. Havia um professor de matemática que dava as aulas e que no fim das aulas, quando um aluno levantava o braço com uma dúvida, respondia: «Eu não dou *encores*.» E eu tive professores na Faculdade de Letras que eram, pura e simplesmente, analfabetos. Não sabiam nada de coisa nenhuma.

Como é que se relaciona hoje com o tempo em que vive?

[*Silêncio longo.*]

Aqui há uns tempos dizia que não queria ter mais 20 anos disto.

Não, não quero. Nem dez, quanto mais vinte.

Por não gostar do mundo em que vive?

Deste mundo que existe agora? Não.

Por o achar pior do que aquele em que viveu a sua juventude?

Não. Vou dizer-lhe uma coisa que me vai pôr de rastos para todas as pessoas mais novas do que eu. Eu uso um computador e escrevo no computador e tudo isso mas sou uma pessoa da palavra escrita. As minhas principais fontes de alimentação intelectual continuam a vir da palavra escrita. Um bocadinho do cinema, também. Não da televisão. Mas do cinema – pouco, muito pouco. Há muito poucos autores de cinema que eu estime. Embora ache que estime os mais estimáveis: o Ford, o Hawks, o Cukor. Tudo gente dos anos 40 e 50.

Todos americanos?

Quase todos. Há um francês ou outro, enfim. Mas para mim a fonte principal continua a ser a palavra escrita. Os meus grandes prazeres vêm da leitura. Ler é a única cura que eu tenho para tudo. Para a depressão, para a doença, para a angústia. É a única coisa que me tira do mundo. Dos meus grandes prazeres dos últimos anos, talvez o maior tenha sido ler *O Soldado Schweik*.

Nunca o tinha lido?

Tinha, mas numa tradução reles. Descobri agora a tradução inglesa, que é impecável. Talvez tenham sido dos meus dias mais felizes. Ri-me, ri-me, ri-me com aquilo. Quase não conseguia dormir. Dormia umas horas para voltar para aquilo. Para mim – isto vai soar *corny*, sentimental, barato e não tem nada que ver com a minha vida pessoal – os momentos de leitura são as únicas ocasiões em que durante umas horas tenho o sentimento de viver num mundo de perfeição. Não é só de perfeição. De perfeição e de exaltação.

Quer dizer que não é só nos clássicos da Antiguidade que encontra essa exaltação.

O que eu não era. Escrevia o que me vinha à cabeça. Depois, há outra pessoa que foi muito influente em mim: o João Bénard da Costa. Adquiri dele ou através dele a ideia de que não se pode saber as coisas mais ou menos e que não há saber que chegue. Aprender é uma alegria e um prazer.

Também. Li a *Odisséia* na versão do Frederico Lourenço e funcionou na mesma. Outro dos grandes prazeres que tive nos últimos anos, não tão forte, foi ler o Tácito, que não percebo como deixou de se ler. Por isso lhe digo: sou uma pessoa fora de moda. O Tácito, para mim, foi uma descoberta. É um homem de uma modernidade incomparável. Não é uma vozinha. É uma grande voz.

Tudo isso quer dizer que se sente deslocado do seu tempo?

Não. Eu acho que este tempo tem a grande vantagem de as pessoas poderem ler, ao mesmo tempo, o Tácito e *O Soldado Schweik*, de poderem ter acesso à Internet e mandarem vir os documentos mais abstrusos.

Se pudesse escolher viver noutro tempo, viveria apesar de tudo este?

Ah, com certeza. Por amor de Deus. Diz-se muito mal da geração de 70 mas a década de 70 foi a da inauguração da liberdade. Depois, os anos 80 foram os da inauguração da universalidade do espírito. As pessoas – com a Net, com a Amazon – podem saber tudo o que quiserem. Isso é uma coisa incomparável para uma pessoa que viveu numa coisa estreitinha, que se limitava ao Chiado, à Rua do Carmo. Isso para mim é um milagre que aos 17 ou 18 anos nunca imaginei que pudesse alguma vez suceder na minha vida.

Foi nessa idade que conheceu José Régio, naquele jantar de que já falámos. Não gostou dele mas, de entre os escritores que conheceu pessoalmente, houve algum que tivesse ficado na sua memória como uma figura importante?

Houve um, o José Cardoso Pires. Um homem de quem era amigo. Admirava-o profundamente. Estas palavras devem ser ditas, apesar de já terem sido ditas e reeditas: era uma pessoa de grande coragem, de grande integridade e era um *fabbro*. Não era *il migliore fabbro* mas era um *fabbro*. Ensinou-me isso. Que a gente tinha de fazer aquilo o melhor que pudesse. Tinha que ir ver duas vezes, três vezes, quatro vezes, mil vezes, se fosse preciso. Fazer aquilo que há a fazer o mais perfeito que for possível. Ele foi muito generoso comigo. O Zé Cardoso Pires ensinou-me a ser um homenzinho.

Então foi um ensinamento que vai para lá da escrita.

Não. Na escrita. Ensinou-me a ser responsável por aquilo que escrevia. O que eu não era. Escrevia o que me vinha à cabeça.

Isso n' *O Tempo e o Modo*.

N' *O Almanaque* e nos anos que se lhe seguiram. N' *O Almanaque* eu via-o pouco. Depois, há outra pessoa que foi muito influente em mim, que foi o João Bénard, que morreu agora. Adquiri dele ou através dele a ideia de que não se pode saber as coisas mais ou menos. Tem de se saber mesmo. Se é azul, se é cor-de-rosa (eu por acaso sou daltónico). Isso é a primeira coisa. A segunda é que não há saber que chegue. As pessoas nunca podem encostar-se e dizer: «O que eu já sei já me dá.» Primeiro, porque aprender é uma alegria e é um prazer.

Aprende mais na leitura ou no contacto humano com pessoas como essas?

Aprendi muito no contacto humano. Mas também aí devo reconhecer que aprendi muito no contacto com pessoas para quem o saber não era supérfluo. Sem virtude nenhuma da minha parte. Eram as pessoas de quem eu gostava. É muito difícil para uma pessoa com a minha cabeça viver com pessoas desinteressadas.

O que é que diria que é a sua cabeça?

É uma cabeça curiosa. Curiosa não no pequeno sentido do termo: de saber o que faz a D. Idália. É uma cabeça excitada pelas coisas que eu não sei.

Continua a ser assim?

Até agora.

Mesmo não gostando do tempo em que vivemos.

Sabe porque é que não gosto do tempo em que vivo? É porque há tanto *trash*!

Isso é uma particularidade deste tempo?

É. Em proporção, é. Sempre houve *trash*, é certo. Sabe o que está escrito numa parede de Pompeia? «Sextus não sei què deu aqui uma grande foda.» Eu nunca lá fui mas tenho o livro de epígrafes e essa é a de que eu gosto mais. «Pomponius qualquer coisa deu aqui uma grande foda.» Há sempre gajos para fazer isso, percebe? Além de isso demonstrar a literacia daqueles tipos naquela época. Aquilo não eram as trevas que depois se seguiram. Nunca leu as epígrafes de Pompeia?

Não.

Aquilo é muito parecido com o que hoje se diz: «O candidato não sei quantos roubou não sei que mais; o outro leva no cu...»

Isso leva-nos à velha conclusão de que a natureza humana afinal não mudou grande coisa.

A última campanha eleitoral estaria perfeitamente ao nível de Pompeia. Há umas coisas permanentes. Aquilo de que eu não gosto na sociedade de hoje é que as paredes estão cheias disso. Não se vê é outra coisa. Quer dizer, *trash* sempre houve. «Caius deu aqui uma grande foda.» Hoje, você liga a televisão e só vê: vamos dar, já demos e variações sobre isso. O que me chateia é isso: o *estreitamento* – não sei se será esta a palavra certa, se tivesse aqui um dicionário ia ver – do espírito. Eu acho graça que o Caius tenha dado uma grande foda em Pompeia mas acho graça porque isso prova a literacia daquela gente. Mas quanto à foda propriamente dita não estou muito interessado. Nem estou muito interessado no eroticismo da sociedade moderna. Não leva longe. Que há-de um gajo pensar sobre isso? O «A» pôs-se no «B», o «B» pôs-se no «A». O «C» anda com o «Y», o «Y» anda com a «X».

Sente que hoje isso está demasiado presente.

Completamente presente. Nas telenovelas, nas canções, nos livros. Em toda a parte. A dimensão histórica das pessoas perdeu-se. O triunfo do *trash* é uma coisa que me deprime. ■